Mercado sensível

Em janeiro, a anunciada redução da estimativa da safra norte-americana de soja pelo USDA — embora em apenas 1% — foi suficiente para trazer novo alento ao mercado, mesmo sendo esperada, em 1996/97, uma produção mundial aproximadamente 10% maior que a de 1995/96. A pequena diminuição na safra repercutiu em razão de o balanço internacional de oferta e demanda permanecer apertado.

Os estoques finais mundiais deste ano-safra serão os mais baixos em vários anos, havendo a expectativa de alguma turbulência causada por fatores extramercado. Em fevereiro, por exemplo, o anúncio, ou confirmação do agravamento do estado de saúde do primeiro mandatário chinês, Deng Xiaoping, provocou maior ansiedade na Bolsa de Chicago. A notícia de sua morte imediatamente acarretou um abalo nas cotações, pois o atual encaminhamento do modelo chinês, de *liberalismo vigiado* na economia e autoritarismo político, traz grandes dúvidas quanto ao que acontecerá no futuro.

Dias após o falecimento do líder, rumores de que a China já estaria cancelando compras de farelo de soja na América do Sul levaram ao pronto recuo dos preços. Mesmo sem confirmação, tão-somente pela aparente ratificação dos temores de menores importações sob o novo governo, os agentes ligados à Bolsa foram altamente sensibilizados.

Houve alguma recuperação posterior e, no caso do farelo, não tão diretamente envolvido no sentimento baixista provocado episodicamente pelo aumento da oferta sul-americana do grão, logo se passou a esperar maior alta das cotações internacionais (embora os futuros continuassem apontando para um cenário baixista) em razão do substancial incremento de 25% no total do rebanho bovino confinado nos EUA.

No que se refere à safra brasileira, as chuvas fortes de fevereiro, nos estados da região Sul, atrasaram a colheita em várias zonas de produção. Na última semana do mês, no Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, só tinha sido colhido 1% da safra, cuja área permanecia estimada em mais 5,3% relativamente ao ano passado. A produção esperada gira em torno de 5,68 milhões de toneladas.

De acordo com a mesma fonte, as chuvas melhoraram significativamente a situação das lavouras e o que foi colhido, na região das Missões, fronteira com a Argentina, tem apresentado boa qualidade. Os preços melhoraram no estado, passando de R$14,98/60kg, no início do mês, para R$15,18/60kg na última semana de fevereiro.

No Paraná, de acordo com os dados do levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura, até o dia 13 de fevereiro, ainda não se tinha atingido 1% da colheita, que se concentrava na região de Maringá.

Também se registravam chuvas intensas no estado, mas o que se colheu confirmou a expectativa da obtenção de rendimento físico médio de 2.600kg/ha.

Conforme citado anteriormente, os estoques finais mundiais baixos desta safra, se não garantem um ano

Soja em grão — balanço mundial de oferta e demanda
1990/91 a 1996/97 — em milhões de toneladas

Ano-safra	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final
1990/91	103,8	26,1	25,1	105,0	20,2
1991/92	107,1	29,2	28,5	109,9	18,4
1992/93	117,3	28,7	29,8	116,0	20,2
1993/94	117,5	28,4	28,0	120,9	17,2
1994/95	137,5	32,7	32,2	132,1	24,5
1995/96	124,9	32,3	31,8	111,6	17,9
1996/97	132,0	32,4	32,7	113,0	16,1

Fonte: USDA.

brilhante, pelo menos tornam-no atrativo (até que as reservas internacionais se recuperem). De fato, o mês de março de 1995 registrou, em Chicago, cotações para a soja em grão de US$209,64/t; um ano depois, o valor passou a US$265,83/t e,este ano, está em US$257,11/t.

Considerando que a presente safra brasileira é praticamente do mesmo tamanho daquela que foi o recorde histórico de produção (1994/95), vê-se que a receita do complexo da soja tende a ser favorável, contribuindo também para este quadro a desoneração do ICMS nas exportações.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

UVA

A melhor safra em muitos anos

A estiagem que, por várias semanas, preocupou os agricultores de várias regiões do Rio Grande do Sul, chegando a repercutir sobre os preços das commodities, na Bolsa de Chicago, teve bons efeitos sobre a produção de uva. Tendo passado por um inverno sem maiores problemas, os parreirais beneficiaram-se da maior secura do ar, para a formação de cachos com elevado teor de açúcar.

A atual safra vem sendo considerada por muitos como a melhor da década. Segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV) da Embrapa, sediado em Bento Gonçalves, até o início de fevereiro, a situação da colheita podia ser tida como excepcional. Choveu durante o mês, mas não havia mais condições para maior interferência na qualidade. O CNPUV registrou que as uvas brancas, precoces, foram muito bem e, na região por ele coberta, estavam-se obtendo 18° e 19° Brix (medida da concentração de sólidos solúveis). As uvas tintas, colhidas a partir de meados de fevereiro (Cabernet e Merlot) também devem ter bom desempenho qualitativo.

As uvas são classificadas em comuns, viníferas especiais e viníferas nobres, pela Portaria nº 270, do Ministério da Agricultura, de 1988, e recebem preços crescentes, em função de seu teor glucométrico, entre 14° e 20° Brix.

A respeito dos preços, porém, houve dificuldades na negociação desta safra. As indústrias foram pressionadas em seu próprio mercado consumidor pela concorrência dos importados e alegaram não poder aumentar o preço.

Algumas indústrias imaginam, no entanto, que os vinhos importados poderão ter um papel positivo, atraindo novos consumidores que depois optarão por vinhos diferentes (em relação aos famosos vinhos de casco azul, os consumidores poderiam, então, *evoluir* para os melhores vinhos brasileiros). Aliás, segundo a União Brasileira de Vitivinicultura (Uvibra) embora o consumo tenha melhorado em 1996, ainda não recuperou o nível atingido em 1993 (ver tabela abaixo). Destaque-se que a portaria promulgada no ano passado para regulamentar o controle das importações completou seu primeiro aniversário sem efeitos práticos. Tem ocorrido, espontaneamente, no país, diminuição do consumo dos vinhos de variedades comuns e aumento dos de variedades nobres. Como o consumo médio do brasileiro ainda patina em ridículos 2 litros *per capita* anuais (na Argentina são 45 litros, mesmo com o aumento do consumo de cerveja), há bastante espaço a percorrer.

Vinho e derivados

Comercialização dos vinhos elaborados no Rio Grande do Sul 1985 a 1996 — em mil litros

Ano	Litros
1985	263.900.753
1986	295.806.095
1987	207.801.105
1988	230.240.445
1989	259.649.893
1990	293.802.043
1991	265.369.282
1992	252.635.444
1993	292.308.687
1994	256.886.047
1995	227.832.126
1996	256.899.878

Fonte: União Brasileira de Vitivinicultura.